

## “EPIDEMIA” KITSCH: A “BATALHA” PELO OLHAR NO ESPAÇO URBANO<sup>1</sup>

Janaina Piazza<sup>2</sup>

### 1. Os Sintomas

O kitsch definitivamente não tem nenhum tipo de preconceito. Raça, etnia, idade, classe social, sexo. Nada parece ter força suficiente para barrar esse elemento na sociedade. O kitsch pode ser encontrado em qualquer lugar, não importa onde nem a quem pertence; se comporta como uma bactéria que ataca o coração e a mente de milhões de pessoas.

Em primeiro plano ele age silenciosamente sem ser muito percebido, mas se desenvolve muito rápido e logo atinge o estágio máximo de indiscrição. O curioso é que a maioria das pessoas nem descobrem que possuem a bactéria, pois os impactos só podem ser percebidos por um cuidadoso diagnóstico, ou seja, ele não gera no paciente nenhum sintoma além de alegria, prazer e satisfação. Apenas age lentamente de dentro para fora, deixando as pessoas “hipnotizadas”. Então elas começam a “transformar”.

Há relatos de pessoas que alegam sentir a necessidade de trazer lembranças do passado para perto de si ou dizem se sentir felizes ao poder realizar desejos que carregam desde a infância. Outros, porém, os mais ousados, querem ser o centro das atenções e não poupam esforços nem cores, formas e tamanhos para conseguir isso. Nasce uma espécie de competição entre os portadores do kitsch, em que cada um luta por mais visibilidade.

Há muitas teorias que tentam explicar a forma de transmissão do kitsch e porque ele contagia tanto os olhos e os sentimentos das pessoas (portadoras da bactéria kitsch). Mas a verdade é que não se sabe ao certo como ele reage no organismo, em que ponto ele deixa de ser saudável e passa a ser agressivo à espécie humana e quais os órgãos mais afetados. Fato é que cada dia mais percebemos os efeitos “catastróficos” dessa epidemia, que começa afetando os ambientes internos, avança para o jardim, invade as ruas, fachadas e centros comerciais e, nos estágios mais avançados, contamina todo o espaço urbano.

### 2. O Diagnóstico

Há duas hipóteses relacionadas ao surgimento do termo kitsch. Segundo alguns laboratórios, surgiu do inglês *sketch*, “esquisso” ou “esboço”, por volta de 1870, no campo da

---

<sup>1</sup> Trabalho ligado ao projeto de pesquisa “Arte, sentido e história”, coordenado pelo professor Gerson Luís Trombetta.

<sup>2</sup> Acadêmica do segundo nível do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Passo Fundo.

arte por conta dos comerciantes infectados pela bactéria, que comerciavam obras de modo a desvalorizar a arte. No entanto, a grande maioria dos pesquisadores acredita que kitsch deriva do alemão *verkitschen*, que significa “comprar a baixo preço” ou “coleccionar/trocar coisas velhas”. Contudo, a discussão só diz respeito à etimologia. Ambos os lados diagnosticaram a mesma imagem para a doença que surgiu na passagem entre os séculos XIX e XX: produção de efeitos “esquisitos” no gosto estéticos dos infectados. Não se tem conhecimento se há algum tipo de profilaxia, sabe-se apenas que, se o caso for diagnosticado cedo, pode ser controlado e até revertido, caso contrário a probabilidade é que atinja o estágio máximo.

A bactéria kitsch se aloja no tecido nervoso e afeta principalmente o sistema mental e emocional das pessoas, podendo se espalhar para demais órgãos do corpo. Ela faz com que as pessoas percam controle parcial/total de suas escolhas estéticas, passando a optar por coisas estranhas, exageradas e de menor qualidade, contaminando, assim, os ambientes aos quais frequenta. Alguns médicos chamam isso de Síndrome do Mau Gosto ou Síndrome do Exagero.

Essa bactéria parecia inofensiva até o momento em que se constatou a disseminação descontrolada que desordenou, principalmente, os centros comerciais das cidades deixando-os em estado degenerativo. Uma hemorragia de cores vibrantes e contrastantes nos enormes outdoors das fachadas comerciais, competindo com uma infecção de músicas populares nas portas das lojas em liquidação, e um exagero de vitrines tossindo objetos copiados, desqualificados e de baixo preço. Uma simples endoscopia revela o problema digestivo que a cidade enfrenta para digerir esses problemas visuais e acústicos que impedem os órgãos saudáveis de atuarem efetivamente e contaminam diariamente as pessoas com baixa imunidade e os edifícios em estado de alerta.

### **3. A Febre Urbana**

A febre é uma elevação da temperatura corporal sob a influência de uma causa mórbida, que apesar dos efeitos de delírio e agitação, se trata de um sintoma que possui papel de defesa orgânica. A febre é um aviso de que algo no organismo não está funcionando adequadamente.

Tomadas pela bactéria kitsch, as principais artérias do corpo urbano trabalham diariamente com soluções “criativas” para fachadas e interiores que precisam ficar chamativos o suficiente para serem vistos a longa distância e assim atrair o consumidor. Não existe

preocupação com qualidade ou originalidade. O importante é estar visível nessa batalha pelo olhar.

No entanto, a diversidade de estilos sugando a vitalidade dos centros comerciais e infectando toda circulação, mostra o quanto a arquitetura sofre as consequências. E o impacto é geral. Centros históricos que deveriam ser medicados cuidadosamente para assegurar as raízes da cidade são os alvos mais frágeis e passam por uma espécie de mutação genética que os deixa sem uma identidade digna, suas fachadas são tratadas de forma a desvalorizá-los, deixando-os em desarmonia e com ar doentio, como podemos analisar na figura 1. A tentativa de modernizar edifícios históricos ou de criar algo antigo é outro erro da medicina popular.



Figura 1 - Fachada de prédio histórico.  
Fonte – Arquivo pessoal.

As fachadas das lojas, também merecem uma atenção especial e são, possivelmente, um dos órgãos mais afetados negativamente pela bactéria. O kitsch encontra-se desde o nome da loja até o produto que é comercializado. Geralmente, lojas que vendem produtos de pouca duração como roupas, calçados e artefatos se sobressaem, pois as pessoas vão a esses ambientes com maior frequência e por isso é preciso “caprichar” na hora de decidir um nome. É necessário deixar claro que aquele é o local ideal para comprar e economizar. Contudo, o nome não basta, é essencial escolher criteriosamente uma cor que reaja indiscretamente na

visão do cliente para fazê-lo memorizar, e o grupo de cores contrastantes é perfeito para isso! Por fim, a vitrine precisa mostrar tudo o que a loja tem de melhor, e se tudo der certo, os clientes (provavelmente com índices elevados de contaminação kitsch) irão às compras, e para fazê-los consumir o máximo é indispensável oferecer produtos de baixo preço, que envolverão pouca qualidade e falsificação. Este é um bom exemplo de um portador do kitsch em estágio avançado, que faz o centro comercial quase enfartar devido a tais condições, e podemos perceber nitidamente essas características na figura 2.



Figura 2 - Fachada de loja.  
Fonte – Arquivo pessoal.

Logicamente, não podemos esquecer-nos de citar as lanchonetes, restaurantes e bares que são, literalmente, um Buffet livre de opções! Também as escolas, casas, prédios, construções em geral, tudo parece sofrer. Nas figuras 3 e 4 podemos ver um pouco do caos comercial e dos jardins de casas. A bactéria kitsch tornou-se tão resistente que nem mesmo as praças podem esquivar-se. E então a pergunta surge: Como o kitsch se espalhou de tal forma a se tornar um elemento “perigoso”?



Figura 3 – Vista geral do centro comercial de Passo Fundo.  
Fonte – Arquivo pessoal.



Figura 4 – Jardim de uma residência de Sarandi.  
Fonte – Arquivo pessoal.

Inicialmente podemos explicar o kitsch como uma espécie de “marca registrada” de uma determinada classe social, onde as pessoas apenas expressam seus sentimentos ou mesmo suas próprias identidades nas casas, interiores e jardins. Podemos nos referir a este estágio, apenas para melhor compreensão, como um “kitsch benigno”. O kitsch benigno não agride, não contagia. As pessoas apenas expressam o “kitsch criativo” que abita em seus corações organizando suas fachadas de acordo com seus próprios princípios de gosto e opinião. Dinah Guimaraens e Lauro Cavalcanti (2006, p. 19) chamam isso de “Arquitetura kitsch”, no livro *Arquitetura Kitsch suburbana e rural*, onde se analisa o kitsch na arquitetura como um elemento característico de um povo, não um agressor.

Neste contexto, no entanto, estamos tratando de outra espécie de kitsch e ousamos chamá-lo, momentaneamente, de “kitsch maligno” para referenciá-lo, por se tratar de algo que se espalha por todo o corpo urbano em forma de epidemia. Esta bactéria está ligada a degradação do campo visual urbano e não apenas questões de gosto e opiniões. Trata-se, acima de tudo, de uma ameaça ao bem estar da população, às prioridades humanas, a estética urbana, a história de um povo. A ameaça que retratamos refere-se à soma da falta de humanismo na hora de construir, a falta de alma nas construções, a falta de limites de publicidade, e a falta de escrúpulos do sistema capitalista. O final desta equação resultou na atual situação do sistema circulatório das cidades.

As veias, já entupidas de coisas, cores e horrores, nos fazem pensar, mesmo que equivocadamente, numa explicação, num culpado, numa solução para esse destino depressivo que a arquitetura tomou. Seria injusto escolher um indivíduo ou fator para acusar, mas é válido levantar hipóteses para tentar explicar os fatos. Então acreditamos ser interessante, em primeiro momento, nos desafiar com uma pergunta e para ela buscar uma resposta plausível. Será a arquitetura responsável por parte da culpa? A partir disso pudemos elaborar hipóteses e tirar conclusões. Apenas conclusões.

As pessoas e edifícios estão cada vez mais carentes e pobres de qualidade de vida e de arquitetura. Essa pobreza nos remete ao capitalismo comercial ao qual estamos inseridos atualmente. O poder e a riqueza são as regras e por isso não se constrói mais para bem estar de pessoas e sim visando lucros. Dinah Guimaraens e Lauro Cavalcanti também fazem referência a essa questão num trecho do livro:

Basicamente tecnocrática, ignorando na maior parte das vezes a base emocional e criativa da arquitetura, a especulação imobiliária optou pelo predomínio do fator econômico, ao construir um maior número de unidades pelo menor preço, mesmo que essa equação implique em um decréscimo da qualidade de vida dos futuros moradores (GUIMARÃENS; CAVALCANTI, 2006, p. 47-48).

Essa despreocupação com a qualidade de vida das pessoas e ganância por capital financeiro tornou os edifícios semelhantes a “Máquinas para morar”, conceito utilizado por Le Corbusier para exaltar o funcionalismo como o mais importante conceito a ser adotado nos projetos. Ele descrevia a casa da seguinte maneira:

*Uma casa:* um abrigo contra o calor, o frio, a chuva, os ladrões, os indiscretos. Um receptáculo de luz e de sol. Um certo número de compartimentos destinados à cozinha, ao trabalho, à vida íntima.

*Um quarto:* uma superfície para circular livremente, um leito de repouso para se estender, uma cadeira para estar à vontade e trabalhar, uma mesa para trabalhar, estantes para arrumar rápido cada coisa em seu “right place”.

*Quantos cômodos:* um para cozinhar, um para comer, um para trabalhar, um para se lavar e um para dormir. Tais são os padrões do alojamento. (LE CORBUSIER, 1973, p.75-76, grifo do autor).

Se o princípio da arquitetura fosse o funcionalismo não seria necessário existir arquitetos. Qualquer pessoa pode se tornar capaz de construir uma casa, mas poucas são aquelas que conseguem projetar um lar. O lar vai muito além de um simples local de se fazer refeições, trabalhar, estudar e dormir. O lar é a junção ideal de funcionalismo, conforto e estética. O corpo é composto por membros e cada membro exerce uma função. De nada adiantaria a nós se tivéssemos três pulmões e nenhum coração, pois nosso corpo não funcionaria. Da mesma forma, uma construção precisa ter a combinação de vários aspectos, nem a mais nem a menos. Le Corbusier projetou “Máquinas para morar”, no entanto ninguém conseguiu permanecer morando nelas por muito tempo e ao contrário do que ele escreveu a grande maioria de seus projetos não eram funcionais. Isso se justifica pelo simples fato de que um projeto pensado apenas para funcionalidade, não cumpre as demais necessidades das pessoas. O funcionalismo utilizado como parâmetro único e exclusivo, leva as pessoas e a arquitetura à enfermidade. Para ilustrar e reafirmar a ideia, outro trecho dos autores já mencionados anteriormente:

O princípio básico funcional, ao estabelecer que os objetos deveriam ser determinados por sua função, traz em seu bojo a ideia de rigor, de disciplina e, portanto, de ascetismo. Acarretando como consequência uma luta sistemática contra toda e qualquer irracionalidade, vai de encontro a tudo que pareça fugir à função, inclusive a decoração. (GUIMARÃENS; CAVALCANTI, 2006, p. 47).

O funcionalismo e a ganância por lucros, despreocupados com o compromisso de oferecer qualidade de vida são hipóteses de fatores que contribuem para o “adoecimento” da arquitetura que, poupada de sua própria base emocional ao ser definida por parâmetros funcionais e econômicos, já não consegue oferecer satisfação, conforto e qualidade de vida suficiente aos seus habitantes. A carência de tais aspectos e sentimentos obriga as pessoas a tentar, de alguma maneira, suprir essas necessidades e, portanto, levar uma vida kitsch tentando “curar” a face doentia da arquitetura e das demais coisas que as rodeia.

#### 4. Considerações Finais

A bactéria kitsch, agora, semelhante a febre, como um sistema de alerta do corpo urbano problemático tenta preencher esses vazios “humano-arquitetônicos” e invade os centros comerciais. Nesse sentido, a atual situação do urbanismo, doente e acamado, pode ser encarada como uma consequência do mau uso do funcionalismo somado ao capitalismo que, ao deixarem a arquitetura “desalmada” e a população descontente, abre espaço para o kitsch entrar na vida dessas pessoas como um antídoto da insuficiência arquitetônica, do desconforto e da insatisfação. Consequentemente, novos sintomas surgem e torna-se necessário mais uma bateria de exames para tentar diagnosticar e tratar devidamente o caso.

Antes de qualquer coisa, a pergunta a qual nos submetemos responder no início dos estudos precisa ser respondida. Afinal, será a arquitetura responsável por parte da culpa? Vejamos, se o problema está nas formas, nas cores, nos anúncios, nas fachadas, o problema está na arquitetura e se é ali que ele está é dali que ele saiu. A própria arquitetura é parcialmente culpada pelo caos e doença que se encontra. Então, onde foi que a arquitetura errou? Ela errou quando deixou de ser um corpo e passou a ser apenas membros. Errou no momento em que as portas deixaram de convidar as pessoas a entrar, no momento em que as praças deixaram de convidar as crianças a brincar, as janelas impediram os jovens de olhar para fora, as paredes aprisionaram os idosos e os muros esconderam tudo isso e toda a personalidade da arquitetura.

#### Referências

DE BOTTON, Alan. *A arquitetura da felicidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

GREEMBERG, Clement. Vanguarda e kitsch. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (org). *Clement Greemberg e o debate crítico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 27-43.

GUIMARÃES, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. *Arquitetura Kitsch: suburbana e rural*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

MOLES, Abraham. *O Kitsch*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

TROMBETTA, Gerson Luís (org.). *Lugares possíveis: metamorfoses da arte no tempo e no espaço*. Passo Fundo: Méritos, 2012.